

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**A RELAÇÃO IDOSO-VOLUNTÁRIO NOS GRUPOS ASSESSORADOS  
PELA AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Serviço Social da  
Universidade Federal de Santa Catarina,  
orientado pela professora Maria da Graça  
Santos Dias, para obtenção do título de  
Assistente Social, pela acadêmica:

DANIELLA MARCOS FERREIRA

*Realyzando*  
Mayly Venzon Tristão  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSO

FLORIANÓPOLIS ( SC), SETEMBRO DE 1998.

“...Os que sonham grandemente, ou são doidos e acreditam no que sonham e são felizes, ou são devaneadores simples, para quem o devaneio é uma música da alma que os embala sem lhes dizer nada.”

(Fernando Pessoa)

Dedico a todos os idosos e idosas que na ânsia de conhecerem mais sobre o mundo e sobre as pessoas, não desistem de enfrentar o novo na 3ª Idade.

Vencendo preconceitos, rompendo com o isolamento social, politizando-se, essas pessoas estão nas ruas, nos grupos, nas universidades...

somando suas experiências e realizando a plena arte de viver após os sessenta

...tão simples e tão pouco compreendida!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ser presença incondicional em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, Djalma e Marlene, por serem essas pessoas tão especiais, que possibilitaram a escolha e a vivência do Curso de Serviço Social.

A minha irmã Patricia, ao meu cunhado Alexandre, aos meus tão amados sobrinhos, Lucas e Maria Júlia, pela experiência de viver bem em família.

As minhas amigas Rê, Lu e Marletinha, que souberam ouvir e suportar minhas angústias, meus medos e inseguranças.

A Cris pela amizade, companheirismo, por dividir as dificuldades e sucessos enfrentados durante todo o período de estágio.

A professora Graça, pela paciência, carinho e sabedoria que sempre nos dedicou.

A Vera Nícia, pela amizade, profissionalismo e confiança depositada durante todo estágio.

A ASA, pela oportunidade de continuar o estágio extra-curricular.

A todos os colegas da turma, aos demais professores e a todas as pessoas que conviveram comigo durante estes quatro anos.

Obrigada! .

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
 <b>CAPÍTULO I - A AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA E O PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL NA ÁREA DO IDOSO</b>	
1.1 Compreendendo sua história.....	08
1.2 A política neoliberal e a missão da Igreja.....	18
1.3 O Serviço Social da ASA: uma proposta de transformação.....	23
 <b>CAPÍTULO II - O PROGRAMA DE ASSESSORIA AOS GRUPOS DE IDOSOS</b>	
2.1 O processo de supervisão aos grupos de idosos.....	36
2.2 Os cursos de formação de dinamizadores de grupos de idosos.....	47
2.3 Análise Compreensiva.....	58
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	 <b>62</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	 <b>63</b>
 <b>ANEXO.....</b>	 <b>66</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho “A relação idoso-voluntário nos grupos assessorados pela Ação Social Arquidiocesana” foi elaborado a partir da experiência de estágio realizado na ASA, no período que compreende agosto de 1996 a agosto de 1998.

O tema que trabalhamos emergiu a partir das observações realizadas junto aos grupos de idosos das Ações Sociais Paroquiais, assessorados pela instituição.

Neste contato direto com os grupos, durante o projeto de supervisão, presenciamos atitudes de extremo autoritarismo e paternalismo, exercidas pelas voluntárias que coordenavam os mesmos.

O Serviço Social da instituição trabalha estas questões nos Cursos de Formação para Dirigentes e Dinamizadores de Grupos de Idosos, discutindo com as voluntárias e coordenadoras a importância de conhecerem o processo de envelhecimento e a dinâmica interna dos grupos.

Por entendermos que o grupo é um espaço de valorização do idoso, uma ponte para novas conquistas, as atitudes que reforçam o conformismo e inibem a participação foram o alvo de nossa análise crítico-reflexiva.

Usando como referência a metodologia dialógica, baseado no diário de campo e nos relatórios dos cursos de formação iremos analisar nossa prática enquanto estagiária de Serviço Social.

No primeiro capítulo compreenderemos a história da instituição, o desafio do pensamento neoliberal ao trabalho realizado pela Igreja Católica e o processo de trabalho do Serviço Social na área do Idoso, fundamentado pelos autores Pedro Demo, Paulo Freire, Bordenave, entre outros.

No segundo capítulo abordaremos a descrição da prática, analisada a partir das duas categorias teóricas que elencamos: autonomia e participação.

Posteriormente, traçaremos as considerações finais, seguidas pela bibliografia e anexo.

## **CAPÍTULO I**

### **A AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA E O PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL NA ÁREA DO IDOSO**

Para mostrarmos o processo de trabalho do Serviço Social na área do Idoso, na Ação Social Arquidiocesana-ASA, faz-se necessário contextualizar as ações desenvolvidas pela Instituição, como também apresentar uma breve menção sobre as transformações políticas e econômicas que o país está enfrentando.

#### **1.1 - Compreendendo sua História**

A Ação Social Arquidiocesana - ASA - um setor da Igreja Católica, foi fundada em 17 de novembro de 1960 e adquiriu personalidade jurídica em 17 de novembro de 1966. É uma entidade sem fins lucrativos, vinculada a Arquidiocese de Florianópolis, possui caráter assistencial, promocional e filantrópico. Seu trabalho visa a capacitação de recursos humanos e a promoção humana.

Cabe também à ASA orientar e supervisionar as atividades sociais, assistenciais e promocionais das Entidades de Assistência Social ligadas às Paróquias da Arquidiocese<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Arquidiocese - Território sob a jurisdição de um bispo ou arcebispo (CERVI, Entrevista, Cúria Metropolitana de



A Arquidiocese foi criada em 17 de janeiro de 1927 pela Bula “Inter praecipuas” do então Papa Pio X. Situa-se geograficamente na parte central do estado de Santa Catarina, e atualmente abrange 34 municípios, sendo formado por 8(oito) comarcas<sup>1</sup> e 64(sessenta e quatro) paróquias.

A ASA foi criada com os seguintes objetivos:

- Realizar estudos sobre os problemas da assistência social, de educação de base e de promoção humana;
- Colaborar na formação da consciência particular e pública, para que no ambiente social vigorem a solidariedade e fraternidade humana, a justiça social, e sobretudo a caridade cristã;
- Planejar e promover a ação conjunta de obras e movimentos que visem a assistência e a promoção humana;
- Providenciar e promover campanhas junto à comunidade local, que visem a obtenção de recursos materiais e humanos para seus programas normais ou para o atendimento de catástrofes;
- Divulgar os trabalhos da Igreja no campo social e educativo.

Para atender os objetivos propostos a ASA definiu sua ação mediante a coordenação de todas as Obras Sociais da Arquidiocese e ela filiadas.

---

Florianópolis, 1996)

<sup>1</sup> “Por Comarca, entende-se uma área pastoral formada por um certo número de paróquias, sendo que, por Paróquia, entende-se uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja Particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao Pároco, com autoridade do Bispo Arquidiocesano”. ( CDC Cân. 515-1, 11º Plano Arquidiocesano de Pastoral )

Além disso, a ASA surge com o propósito de executar ações na área social, permeada pelo caráter evangelizador da Igreja, guiando-se pelos princípios da justiça, da vida, da dignidade, pela construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Com isso, seu trabalho busca a superação das injustiças sociais, das desigualdades e a construção de novas relações sociais, pautadas na solidariedade, na fraternidade e na defesa da cidadania.

Podemos destacar três fases importantes na história da Instituição. A primeira compreende o período de 1966 a 1969, onde se identificava uma ação totalmente voltada para o assistencialismo, tendo em vista que o Brasil passava por uma ditadura militar. Segundo palavras de Pe Affonso Emmendoerfer, diretor arquiocesano da época,

*“era proibido fazer promoção humana, tendo havido naquela ocasião do Programa Aliança para o Progresso, pois se tentava fazer um trabalho de cunho promocional junto às comunidades”. ( ASA, Relatório Anual, 1989 )*

Nesse período a ASA recebia alimentos, provenientes do Programa Aliança para o Progresso e os repassava às Obras Sociais. Este Programa era um “auxílio” prestado por países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos, aos países subdesenvolvidos, na tentativa de diminuir as misérias e a influência do comunismo após a Revolução Cubana.

Foi, também, neste período, firmado convênio com a LBA (Legião Brasileira de Assistência), onde os recursos eram repassados para a criação de grupos sociais, nas obras filiadas à ASA, para desenvolver os cursos de educação de base. Cabe destacar que neste período insere-se a atuação do Serviço Social na instituição, sendo a primeira instituição a implantar campo de estágio para alunos do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Para um maior desenvolvimento de suas atividades, a ASA, constatou a necessidade de treinar e capacitar as pessoas que exerciam atividades como voluntários nas Obras Sociais Filiadas, já que muitos possuíam um baixo nível escolar e nenhum preparo técnico.

Em 1968, elaborou seu plano de ação dividindo-o em setores, dentre os quais o “Setor Voluntariado”, entendendo que

*“como o trabalho da Ação Social Paroquial, está baseado na contribuição do voluntário, a finalidade deste setor será: recrutar, selecionar, treinar e supervisionar os colaboradores voluntários” ( ASA, Plano de Trabalho, 1968 ).*

Após o primeiro Curso de Treinamento realizado no ano de 1967, a instituição passou a desenvolver anualmente treinamentos que davam ênfase à caridade, doação e à promoção humana.

Para a execução de seus trabalhos foi firmado convênio com a Misereor - Zentralstelle da Alemanha, entidade jurídica com fins filantrópicos, constituída por fundos públicos do Governo da República Federal da Alemanha que financiava projetos de desenvolvimento social e mini-projetos alternativos para países do Terceiro Mundo. A Zentralstelle é mantida com 60% de contribuições do governo via contribuições e encargos e 50% por doações. O convênio é renovado a cada três anos, com prestação de contas e apresentação de relatórios semestrais das atividades desenvolvidas. A ASA conta também com recursos da Mitra Metropolitana de Florianópolis.

A partir de 1969 a 1977, em sua segunda fase, as ações da instituição caracterizam-se por uma atuação mais voltada à promoção humana e à sistematização dos trabalhos de rotina.

Durante este período, destacou-se o apoio às Obras Sociais Filiadas, para que adquirissem personalidade jurídica, podendo assim responsabilizarem-se pela emissão de relatórios e prestações de contas dos convênios que patrocinavam suas atividades. Com a autonomia das Obras Sociais Filiadas a Instituição deixou de ser um escritório da Cáritas, cuja função, unicamente, era o repasse de recursos.

A década de 70 reflete a preocupação com o voluntariado, dando continuidade aos cursos de treinamento, com o intuito de engajá-los nos programas de desenvolvimento de comunidade. Esses voluntários passaram a

atuar nos grupos de jovens, de gestantes, de mães e de professores de jardim de infância.

A partir desses grupos acima citados, surgiram pessoas para trabalhar com os idosos das paróquias. O primeiro grupo de idosos surgiu na Ação Social Paroquial São Luiz, bairro da Agrônômica - Grupo Santana - iniciando suas atividades em 15 de abril de 1975.

O Projeto das Comunidades Eclesiais de Base e a criação do Projeto Mensageiro da Caridade destacaram a atuação da ASA na organização de doações para angariar fundos para as comunidades carentes e para sua própria manutenção.

A partir de 1977, a ASA entra em sua terceira fase. Trata-se de um período de cortes de verbas e de convênios, como consequência houve alta rotatividade de recursos humanos.

A consolidação jurídica das Obras Sociais Filiadas, efetuando assim os convênios diretamente, proporcionou maior autonomia para a instituição. A prioridade nesse período foi a capacitação profissional, a integração com outros setores de pastoral social, a organização de comunidades e os projetos de atendimento às crianças de rua e de periferia.

O seu papel foi alterando-se junto às Obras Sociais Filiadas, e esse período de abertura proporcionou um reforço às organizações populares, à busca de novas lideranças, ao trabalho de organização dos meninos(as) de 14

comunidades de periferia, à assessoria aos Grupos de Idosos das Ações Sociais Paroquiais e à coordenação de projetos para a área de saúde na Arquidiocese, priorizando a medicina preventiva.

No ano de 1978, existiam 20 grupos de idosos ligados às Ações Sociais Paroquiais, sendo que a ASA continuou prestando assessoria e dando continuidade aos cursos de treinamento de voluntárias e coordenadoras.

Através do Programa Social e Desenvolvimento da Arquidiocese, que teve início em 1985, as ações foram tendo uma necessidade de aprofundamento, isto porque a ASA considerava a promoção humana um processo permanente de ação e reflexão. As ações desse período fundamentaram-se na busca de novas relações sociais que privilegiassem a justiça e a vida.

Em 1986 foi realizado um encontro das Obras Sociais Filiadas, para avaliar os trabalhos realizados nas Ações Sociais Paroquiais de toda Arquidiocese e discutir novas alternativas para a Ação Social Arquidiocesana. Participaram as Ações Sociais Paroquiais dos municípios de Brusque, Ilhota, Cambouríu, Canelinha, Itajaí, Navegantes, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Florianópolis, São José, São Pedro de Alcântara e Biguaçu. Foi constatado neste encontro que a maioria das Ações Sociais realizavam cursos de datilografia, clube de mães, de gestantes, costura, crochê, tricô, grupos de idosos, distribuição de alimentos, creches e trabalhos com menores carentes.

Um fato relevante que resultou desse encontro foi a consciência da necessidade de capacitar os voluntários que trabalhavam nas obras sociais da Igreja.

Em outubro de 1989 foi iniciado o Fundo de Apoio para os Mini-Projetos Alternativos e de Ajuda Mútua no Estado Catarinense, financiado por um convênio entre o Regional Sul IV da CNBB(Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a MISEREOR/ZENTRALSTELLE da Alemanha. O projeto é coordenado por uma Equipe Executiva e por um Conselho Regional, que funciona através das oito Dioceses que compõem o Regional Sul IV. A Ação Social Arquidiocesana é a entidade responsável pelo projeto na Arquidiocese de Florianópolis que conta com vinte e oito grupos distribuídos em projetos de Produção e Comercialização, Organização e Educação Popular e Centro de Atividades Comunitárias.

A década de 80 foi, então, marcada por um forte investimento na formação de lideranças e também de participação no movimento da “Assembléia Nacional Constituinte”, visto que o país atravessava, neste período, um processo de abertura democrática com o fim da ditadura militar.

A década de 90 é marcada por uma nova atuação da ASA onde inclui a participação popular propondo a ruptura com a passividade face às questões sócio-políticas, e a inserção no contexto da sociedade.

As atenções são voltadas para o desenvolvimento das áreas da Saúde, Produção e Abastecimento, Criança e Adolescente e Idoso.

O Projeto ASA/MISEREOR continua sendo renovado de três em três anos com o objetivo de

*“dar continuidade às ações de assessoria, apoio e estímulo às áreas de produção e abastecimento, saúde, idoso, criança e adolescente, bem como intensificar a formação sistemática dos agentes envolvidos(lideranças) implementando um programa político-pedagógico transformador, enquanto princípio e um processo libertador que leve a superar as causas das diversas exclusões”. ( ASA, Programa Social e de Desenvolvimento da Arquidiocese de Florianópolis,1996 )*

A Constituição Federal de 1988, representou um avanço significativo na área social. A assistência social é reconhecida *“como um direito de cidadania, até então negada pela história política brasileira”* ( Stein, 1997, p. 9 ).

A descentralização político-administrativa do Governo Federal proporcionou a participação popular em diversos níveis do processo de decisão, elaboração e implementação das políticas sociais, sendo possíveis através da criação dos conselhos municipais, estaduais e nacionais.

Sendo assim, a ASA participa da composição de alguns conselhos paritários e fóruns da sociedade civil, como o Conselho Estadual e Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CEDCA e CMDCA; Conselho Estadual do Idoso - CEI; Comissão Municipal do Idoso de Florianópolis e Comissão Regional do Idoso da Grande Florianópolis; Conselho Municipal de



Saúde-CMS; Fórum Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente; Fórum Popular de Saúde Estadual.

No ano de 1997 as atividades desenvolvidas pela ASA, dão continuidade aos Cursos de Formação para Coordenadores e Voluntários de Grupos de Idosos e para Educadores dos Programas Comunitários de Atendimento às Crianças e aos Adolescentes. Destacam-se o acompanhamento sistemático à comunidade do Morro do Horácio, apoio à Pastoral Social e Serviços Pastorais, as parcerias com outras instituições, articulações e participação em reuniões, encontros e seminários organizados pela sociedade civil.

Cabe destacar que as ações desenvolvidas pela ASA estão

*“alicerçadas em princípios norteadores, que se referem à construção de uma sociedade mais justa e politicamente democrática, tendo por base relações sociais fraternas e solidárias, rompendo com toda forma de exclusão social. Justifica-se desta forma as ações de fomento de uma consciência crítica coletiva, o forte investimento na formação de lideranças e a participação em espaços cuja participação política viabiliza a democratização das relações Estado/Sociedade Civil”.*  
( ASA, Relatório das Atividades Gratuitas, 1997 )

Esse novo quadro dá ênfase na Educação de Direitos, pretendendo levar ao enfrentamento da atual conjuntura nacional onde impera a implantação da ideologia neoliberal, da qual trataremos a seguir.

## 1.2 - A Política Neoliberal e a missão da Igreja

A década de 90 traz profundas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais, resultantes de acontecimentos demarcados pela queda do muro de Berlim, proposta estratégica de desarmamento nuclear entre Estados Unidos e União Soviética, revoluções democráticas no Leste Europeu, crise do Socialismo e do Estado de Bem-Estar-Social.

Nesse contexto,

*“presenciamos a reorganização do capital e da produção, a reformulação do papel do Estado, a valorização dos mecanismos de mercado e a recuperação do ideário neoliberal enquanto tentativas de superação da atual crise capitalista a nível mundial”. ( Souza, 1995, p. 472 )*

A ofensiva neoliberal, no Brasil, tem início no Governo Sarney no final da década de 80 e intensifica-se no atual Governo de Fernando Henrique Cardoso. Faz parte de uma tendência mundial, implantada pela Inglaterra e Estados Unidos a partir dos anos 80. Segundo Abramides ( 1995, p. 455 )

*“é fruto do processo de globalização da economia na ordem do capital e pela formação dos grandes blocos de poder no plano internacional nas esferas econômica, política e social”.*

O projeto neoliberal estabelece sua política monetarista, com ampla privatização das estatais, corte nos gastos sociais e enxugamento da máquina estatal e a não-intervenção do Estado na economia. Consequentemente, desresponsabiliza o Estado de suas funções na implementação e gestão de políticas sociais públicas, passando a desenvolver “políticas compensatórias” para minimizar as situações de pobreza do país. No caso do Governo Fernando Henrique Cardoso um exemplo dessa política é o Programa Comunidade Solidária.

Para Sung ( 1997, p. 73 ),

*“a alta tecnologia e o processo de globalização estão criando uma nova cara para o mundo...ao mesmo tempo, a ONU informa que a população em extrema pobreza chegava a um bilhão e trezentos milhões de pessoas em 1995, mais de um bilhão de pessoas carecem de serviços básicos, e um a cada quatro adultos é analfabeto. Em um planeta que consome avidamente realidades virtuais a cada dia um quinto da população não tem o que comer...”*

O mito do desenvolvimento determinou a crença de que era preciso sacrificar tudo por ele. Para Morin e Kern ( 1995, p. 83 ) o desenvolvimento tem dois aspectos,

*“de um lado, é um mito global no qual as sociedades atingem o bem-estar, reduzem suas desigualdades extremas e dispensam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar. De outro, é uma concepção redutora, em que o crescimento econômico é o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais.”*

Esse outro lado do desenvolvimento não considera os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade e da cultura. Consequentemente, gera pobreza, acarreta desempregos e formas subumanas de sobrevivência.

O neoliberalismo não tem a preocupação de apresentar soluções para os problemas sociais.

Segundo Sung ( 1997, p. 96-97 ),

*“para os neoliberais, que tem uma fé inabalável na capacidade da “mão invisível” do mercado de resolver os problemas econômicos e sociais, o aprofundamento da exclusão é um bom sinal. A desigualdade para eles é o motor do progresso econômico porque incentiva a competição entre as pessoas e é, ao mesmo tempo, o resultado de uma sociedade baseada em competição. Além disso, a crise social, que sempre é vista como passageira, seria para eles o sinal de que a economia está indo no bom caminho da desregulação e do fim das intervenções do Estado na economia com vistas a metas sociais”.*

Um dos maiores discursos das Igrejas cristãs, em particular da Igreja Católica diante desse quadro de exclusão é o da distribuição de renda. O discurso da promoção de uma partilha mais eqüitativa de riquezas, criando-se uma sociedade mais democrática, participativa e justa.

Durante a II Semana Social Brasileira, que contou com a participação maciça da Igreja e de diversos movimentos populares e sociais , o tema da redistribuição de renda, foi constantemente citado:

*“Queremos uma sociedade participativa, onde todas as pessoas se sintam unidas, livres e iguais perante a lei e na partilha dos bens, conquistando a plena cidadania”. ( Setor Pastoral Social - CNBB, 1994, p. 60 )*

A Ação Social Arquidiocesana, como já falamos, assessora as Obras Sociais Filiadas, que são as Ações Sociais Paroquiais. Em todas as comunidades em que atua, está lidando com as diversas formas de exclusão, seja de idosos ou de crianças e adolescentes de rua.

A Igreja tem em suas raízes a missão de defender a vida plena. Na sociedade em que vivemos, a vida e a justiça estão sendo constantemente ameaçadas. Diante disto, a ASA vê-se impelida de orientar suas ações para a promoção e defesa desta vida.

Em uma sociedade baseada na lógica da exclusão, é plausível que cresça a cultura da insensibilidade diante dos problemas gerados pelo capitalismo com a ideologia neoliberal. É passada a noção de que aqueles que conseguem acumular riquezas, é uma recompensa do mérito pessoal e não há justificativa para reduzir ou dividir o que foi adquirido. Assim, os pobres são vistos com “culpados” pela sua pobreza e tendo seu justo merecimento.

Diante desta realidade, é missão da Igreja no processo de evangelização construir uma sociedade mais justa e solidária. “Não há evangelização sem transformação social” e

*“consciente de seu compromisso com a palavra e o testemunho de Jesus Cristo, de defender a vida para todos, a Arquidiocese de Florianópolis, busca cumprir sua missão evangelizadora com palavras e com ações concretas. É neste sentido que são realizadas inúmeras ações na área social em todos recantos da Arquidiocese.” ( ASA, Programa Social e de Desenvolvimento da Arquidiocese de Florianópolis, 1996 )*

A Ação Social Arquidiocesana é um dos agentes fortes deste trabalho, propondo-se a cultivar a fraternidade e a solidariedade a partir de sua atuação nas áreas já citadas (Ações Sociais, Idoso, Criança e Adolescente, Saúde e Produção e Abastecimento). Com isso, busca superar as situações de desigualdade, exploração e exclusão.

A proposta de continuidade do Convênio ASA/ Misereor, ( 1996 ), realizada pela equipe executiva, expressa o valor de seu trabalho:

*“Torna-se fundamental apostar na capacidade de ação e reflexão das pessoas. É no espaço da vida concreta que surgem as alternativas. É preciso, antes de qualquer outra atitude, descobrir, reconhecer e celebrar as ações solidárias e as alternativas já construídas nas pequenas comunidades e associações, valorizando a cultura e o saber popular”.*

O Serviço Social da Instituição atua diretamente nas áreas da Terceira Idade e da Criança e do Adolescente, além de estar articulado com as demais ações desenvolvidas pela ASA.

A proposta de trabalho do Serviço Social, do qual fazem parte duas assistentes sociais, uma na área do Idoso e a outra na da Criança e Adolescente, é

o fortalecimento das ações existentes nas comunidades paroquiais e a criação de novas alternativas de atendimento à população.

Sendo assim, trabalharemos, a seguir, a questão do Serviço Social como proposta de transformação.

### **1.3 - O Serviço Social da ASA: uma proposta de transformação**

O Serviço Social da Instituição atua diretamente na área do Idoso e da Criança e adolescente, como já falamos. Nosso estágio foi realizado na área do Idoso, sendo assim, as considerações traçadas posteriormente dizem respeito ao processo de trabalho do serviço social, vivenciado nesta área.

A ASA está trabalhando com idosos, pessoas acima de 60 anos, considerados pela Organização Mundial da Saúde-OMS, em países de 3º mundo, e 65 anos considerados pela Constituição Federal Brasileira de 1988. Para intervir nessa realidade é necessário antes conhecê-la e foi através de autores como Ecléa Bosi, Marcelo A. Salgado, Eneida Haddad, Simone de Beauvoir que conceituamos a velhice, entendendo-a como um processo de mudanças biológica, cronológica, psicológica, social e econômica.

Atualmente a ASA presta um acompanhamento direto a alguns grupos de convivência de idosos do município de Florianópolis ligados às Ações Sociais Paroquiais, porém, é na realização dos Cursos de Formação e nos Encontros

Arquidiocesanos que mantêm contato com os outros grupos da Arquidiocese. Existem hoje, um total de 103 grupos, significando o envolvimento de 4.600 idosos e de mais 474 pessoas como voluntários e coordenadores.

A intervenção do Serviço Social visa possibilitar a conscientização do sujeito como um “ser histórico”, responsável e atuante pela efetivação das políticas sociais e pelo exercício de sua cidadania.

Essa intervenção está pautada no *diálogo*, o qual “*impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial*”. (Freire, 1980, p. 83)

O diálogo na nossa prática possibilita uma ação e reflexão, permitindo a tomada de consciência da necessidade de transformar a realidade.

Através da observação identificamos práticas que nos levaram a compreendê-las como autoritárias e paternalistas, sendo, então, o diálogo uma forma de transformar estas atitudes, que levam à submissão e à legitimação da dominação.

A nossa prática, partiu do pressuposto de que

*“a realidade social, da qual as pessoas emergem como individualidades irreduzíveis e na qual realizam a sua experiência de vida, reflete os sinais das ações e interações ocorridas nela. Sinais de comunicação, compreensão e transformação que compõem a história concreta da humanidade.”* (Almeida, 1980, p. 24)



Podemos afirmar que a atuação do voluntário nos grupos deve ter um caráter pedagógico e não de redução dos idosos, pois estes são pessoas que numa relação dialógica devem transformar a realidade social na qual estão inseridos e, assim, transformarem-se a si mesmos.

A Igreja Católica, e consequentemente a ASA, pregam um discurso de inclusão, porém nos chamou a atenção a atuação de voluntárias e coordenadoras que ao não provocarem a participação dos idosos nos grupos, estão indo contra este discurso.

É a partir deste paradoxo entre o discurso da Igreja Católica e esta prática social, que iremos trabalhar o fenômeno da participação e da autonomia nos grupos da Arquidiocese, enfatizando o Grupo Amizade, que acompanhamos semanalmente de maio a dezembro de 1996

A metodologia dialógica, elaborada pela professora Anna Augusta (1980), tem como marco referencial teórico o **diálogo - pessoa - transformação social**. Para Almeida(1980, p. 123-130) esta metodologia possui cinco movimentos:

- “1º - Objetivação da SEP( situação existencial problematizada)  
É uma atividade gerada no diálogo pelo assistente social ou pelo cliente, a partir da colocação de uma SEP como fenômeno social .A SEP não consiste apenas num problema que provoca necessidade de ajuda, mas num fenômeno social envolto numa dimensão existencial que exige conhecimento para uma opção - ser na situação.*
- 2º - Análise crítica da SEP*

*Compreende uma atividade dialetizada entre exterioridade e interioridade, gerada na seqüência do diálogo pelas tentativas de análise crítica que opera em diferentes níveis uma síntese. O movimento segue em três direções: 1º) em direção ao racional, orientado para o conhecimento do objeto, 2º) em direção à pessoa, orientado para o sujeito - consciência de si, 3º) em direção ao social, quando é orientado para o mundo - consciência crítica.*

### *3º - Síntese crítica da SEP*

*É uma atividade de retotalização da SEP. O processo desenvolvido no terceiro movimento unifica o conhecimento das três direções numa totalidade e cumpre o efeito de capacitação ao permitir o cliente: perceber a situação global em que se encontra ao apreender as realidades sociais situadas num contexto maior; preparar-se para eleger uma alternativa e tomar uma decisão.*

### *4º - Construção de um projeto*

*É uma atividade de criatividade gerada na seqüência do diálogo. Na experiência, o diálogo apoiado numa síntese crítica produz um efeito de capacitação - uma nova atitude de abertura.*

### *5º - Retorno Reflexivo*

*Constitui uma atividade de comunicação na seqüência do diálogo, que consiste em questionar os resultados, comparar o que foi alcançado com o que se queria alcançar."*

Seguindo esta metodologia e na tentativa de proporcionar uma transformação nas atitudes identificadas como paternalistas e autoritárias, procuramos atuar enfocando a necessidade de participação e de autonomia dos idosos.

Paulo Freire nos diz que *"ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção"*. Quem ensina, está constantemente sendo formado por quem aprende, é uma troca de conteúdos acumulados. Insiste ele:

*“Não temo em dizer que inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.” ( 1996, p. 26 )*

A ASA considera que os educandos, na sua prática, são os voluntários, quando realiza os cursos, e os idosos, quando realiza a assessoria aos grupos.

Para Paulo Freire (1996, p. 37), *“transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.”*

Concordamos com Demo ( 1985 ) e com Freire ( 1996 ) quando se referem ao ser humano como um produto não acabado, dado e definitivo, mas algo sempre em formação, em processo de vir-a-ser.

*“A vida é uma sucessão de mudanças ... educar significa o horizonte em profundidade de formação da personalidade, cuja substância se encontra no modo de ser. É um fenômeno de autopromoção, de despertar o homem como sujeito de si mesmo, autônomo. É o contrário de treinar, onde se acumulam hábitos e habilidades.” ( Demo, 1985, p. 18-19 )*

Enquanto sujeitos, estamos inseridos num campo profissional onde atuamos fundamentados nas teorias que apreendemos e construímos na universidade. É na vida quotidiana dos idosos e voluntários que se insere nosso processo de trabalho. Nossa tarefa não é transferir, depositar, oferecer ao outro conhecimentos, tomado-o como paciente do pensar a inteligibilidade dos fatos,

mas é desafiar ao outro que produza sua própria compreensão do que está sendo comunicado.

Uma das tarefas mais importantes do voluntário é de propiciar nas relações interpessoais que os sujeitos se assumam como pessoas, como seres históricos e sociais, ou seja, *“como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto”*. (Freire, 1996, p. 46)

Estar no mundo sem fazer história, para o autor, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível.

*“É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens inacabáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade”* (Freire, 1996, p. 64)

Concordamos com o autor quando diz que ensinar exige respeito à autonomia do educando.

Para Gomes(1996, p. 24),

*“a vivência em grupo parece se constituir num caminho de exercício da cidadania . Parece ser em grupo que os idosos continuam exercendo a sua autonomia, a sua independência,*

*participando, abrindo espaços para sua efetiva integração com a sociedade.”*

A Política Nacional do Idoso - P.N.I., que é constantemente referenciada no trabalho do Serviço Social da ASA, *“tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”*. ( P.N.I, 1994, cap. I, art. 1º )

É neste sentido que a ASA busca nos cursos de formação utilizar uma metodologia que informa aos voluntários e coordenadores sobre o processo de envelhecimento, para que promovam um atendimento qualificado à pessoa idosa, respeitando a autonomia dos idosos e motivando sua participação.

De acordo com Freire ( 1996, p. 69 )

*“Saber que devo respeito à autonomia, à identidade, à dignidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre.”*

O exercício ou a educação do bom senso deve permear a atitude dos voluntários na avaliação dos fenômenos que vivenciam no cotidiano com os idosos nos grupos. Novamente Paulo Freire ( 1996, p. 71 ) nos coloca que

*“não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade ... se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos conhecimentos que chegam à escola”*

No caso das coordenadoras, é necessário que reconheçam a importância da história de vida das pessoas que participam dos grupos de idosos. Os assistentes sociais, também precisam estar atentos aos conhecimentos e bagagens adquiridos pelos voluntários que orientam os grupos.

*“Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina. A existência de objetos a serem ensinados e apreendidos, envolve o uso de métodos, implica em função de seu caráter diretivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa, de ser política, de não poder ser neutra.” ( Freire, 1996, p. 77-78 )*

Refletindo, ainda sobre a qualidade do atendimento aos idosos, prestado pelos voluntários, cabe agora determo-nos numa outra categoria teórica, a participação.

Qualidade de vida é participação, e esta está implícita no campo das políticas sociais, que tem o objetivo de superar as desigualdades sociais. É neste âmbito que Pedro Demo, descreve sobre participação:

*“não existe participação dada, imposta, preexistente, ou suficiente. É um processo dinâmico de desenvolvimento, contra a tendência preponderante da história, e que por isto só se efetiva parcialmente na medida de sua conquista. Reintroduz decisivamente o elemento humano como ator histórico, embora nunca desligado das limitações quantitativas.” ( 1985, p. 114 )*

O grupo de idosos é um espaço que deve possibilitar este processo, é no sentido de conscientizar os idosos da necessidade de reivindicar seus direitos e agirem como sujeitos de cidadania que a participação é imprescindível no dia-a-dia do grupo.

O autor considera como canais de participação o espaço da cultura, como processo de identificação; do processo educativo, entendido como formação da cidadania; dos direitos fundamentais, no qual o sujeito se torna cidadão de direitos e deveres. Para ele, participação é conquista.

Demo ( 1985, p. 122 ) ainda diz que:

*“Participação como conquista não é o enfeite banal do ingênuo, que transita sem perceber. Ao contrário, é a reação contra a domesticação, é o levante diário contra a agressividade, é a violência da não- violência. Pois a verdadeira obra-prima do homem é a comunidade participativa. Nunca se realiza tanto, histórica e humanamente quanto nela.”*

As pessoas participam em sua família, em sua comunidade, no trabalho, na luta política. As pessoas que fazem parte do nosso processo de trabalho participam de grupos de convivência de idosos.

Para Bordenave ( 1985, p. 16 ), participação é

*“o caminho natural para o homem, exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais com a interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e*

*recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros.”*

A partir dos fundamentos teóricos até aqui expostos, ou mais precisamente, considerando a participação e a autonomia como condições básicas do ser e do existir do homem, desenvolvemos nossa prática profissional apoiada nestes referentes, como mostraremos no próximo capítulo.



## **CAPÍTULO II**

### **O PROGRAMA DE ASSESSORIA AOS GRUPOS DE IDOSOS**

O Programa de Assessoria aos Grupos da Arquidiocese, “procura oferecer subsídios teóricos e práticos, através de conhecimentos específicos na área da Gerontologia” aos coordenadores e voluntários dos grupos de convivência para a Terceira Idade. ( ASA, Relatório das Atividades Gratuitas, 1997 )

Essa assessoria, a qual consideramos como projeto de supervisão, se dá através de visitas aos grupos, mantendo contato direto com a pessoa idosa, refletindo questões pertinentes à terceira idade, referindo-se à saúde, à família, à participação grupal, à efetivação dos direitos e ao exercício da sua cidadania. O Serviço Social da instituição utilizando-se de dinâmicas de grupo, de jogos e terapia corporal visa motivar a participação dos idosos e o desenvolvimento da sociabilidade, buscando a integração dos idosos com a família e com a comunidade na qual estão inseridos.

De acordo com os objetivos da instituição, já traçados anteriormente, é através dos cursos de formação de voluntários que a ASA atua especificamente no atendimento às demandas percebidas através da sua assessoria direta aos grupos.

Os idosos buscam nos grupos um preenchimento do vazio existencial, provocado pelo preconceito, pelo isolamento social e pela falta de valorização da sociedade.

Segundo a Portaria 25, do Ministério do Bem Estar Social - LBA ( 1994, p

4) o grupo de convivência

*“consiste no atendimento à pessoa idosa, mediante o desenvolvimento de atividades que favoreçam o convívio social, o fortalecimento de práticas associativas e produtivas, e o exercício de cidadania contribuindo para sua valorização e interação na família e na comunidade.”*

Marcelo A. Salgado ( 1982, p. 13 ) diz que

*“a expansão dos grupos de convivência para idosos, representando um estímulo à vida social, pode significar também um ponto de partida para outras conquistas... na medida em que venham a atuar em programas mais amplos voltados para setores necessitados das comunidades.”*

A pessoa na velhice, como em qualquer outra etapa da vida, tem necessidade existencial de participar, de se engajar na vida comunitária, de continuar a fazer a história com os demais homens.

Para Fraiman ( 1988, p. 27 )

*“... a velhice difere de outras categorias etárias basicamente no que se refere a: inúmeras perdas de relacionamentos significativos (por afastamento ou por morte); profundas modificações familiares (ausência dos próprios pais, quiçá do cônjuge), e novas famílias constituídas pelos filhos; dificuldades quanto ao mercado de trabalho ou opção por uma segunda carreira, especialmente sob um sistema coercitivo de aposentadoria e subempregos; batalha contínua contra doenças crônicas e perdas orgânicas; proximidade da morte, ameaça à sexualidade, inteligência e integridade.”*

Para Salgado ( 1982, p.29 )

*“velhice é uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial, que afetam a relação do indivíduo com o meio.”*

A questão do envelhecimento implica na existência de políticas públicas efetivas que atendam os cidadãos dessa faixa etária,

*“envelhecer é um triunfo, mas para gozar da velhice é preciso dispor de políticas adequadas que possam garantir um mínimo de condições de qualidade de vida para os que chegam “lá”. A lembrar é para todos inclusive para os adultos de hoje. Simone de Beauvoir dizia em seu livro “A Velhice”, há 30 anos: “os jovens, todos, tem dentro de si o velho de amanhã.” ( Anais do I Seminário Internacional, 1996, p. 14)*

A Constituição Federal de 88, no seu artigo 230, determina que

*“A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade,*

*defendendo sua dignidade e o bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.”( 1996, p.104 )*

O que se constata, porém, é que boa parte da população não tem consciência da importância e urgência no tratamento das questões referentes a Terceira Idade. É nesse sentido que a ASA desenvolve o processo de supervisão aos grupos de idosos e os cursos de formação para os voluntários e coordenadores que atuam com idosos, para que possibilitem nos grupos um espaço de discussão de direitos e de valorização do idoso.

Trataremos no próximo item sobre o processo de supervisão aos grupos de idosos.

## **2.1 - O Processo de Supervisão aos Grupos de Idosos**

Durante nosso período de estágio, acompanhamos sistematicamente alguns grupos de idosos ligados às Ações Sociais do município de Florianópolis, Biguaçu e São José. Nestes encontros procuramos, através do diálogo, provocar a participação e a socialização dos idosos através de dinâmicas e de palestras.

Referenciadas pela metodologia dialógica, como já citamos anteriormente, acompanhamos, observando e relatando, algumas reuniões do Grupo Utopia, da paróquia Santo Antônio e Santa Maria Goretti, no bairro da Coloninha, em

Florianópolis, junto com a Assistente Social da instituição, que vem supervisionando o grupo desde seu surgimento em 09 de novembro de 1995.

No entanto, a descrição de nossa prática enfatizará o acompanhamento por nós vivenciado, junto ao Grupo Amizade de Capoeiras, em Florianópolis.

A realização do estágio no Grupo Amizade, de maio a dezembro de 1997, foi um consenso entre nós e a assistente social, pelos motivos anteriormente referidos, ou seja, pela necessidade de provocar uma participação mais autêntica dos idosos que viesse a gerar autonomia.

O grupo foi criado dia 23 de agosto de 1976, há vinte e dois anos. A função de coordenadora, como também a de secretária e tesoureira, é exercida, desde então, pela mesma pessoa. As reuniões do grupo acontecem todas as quintas-feiras no salão paroquial da Igreja da comunidade São João Batista e Santa Luzia. É caracterizado por uma participação exclusivamente feminina, sessenta e sete idosas, sendo a idade da maioria acima de 65 anos.

Descreveremos a seguir, algumas situações vivenciadas neste grupo, onde analisaremos o fenômeno da participação e da autonomia.

#### Reunião do dia 29 de maio de 1997 - 45 participantes

Foi o primeiro dia de estágio. Após termos sido apresentadas pela assistente social, falamos na importância do planejamento e da distribuição de tarefas.

A coordenadora disse:

*“ - Isso não precisa, o grupo funciona bem assim como está há vinte anos, não são dois, nem três.”*

Quando perguntamos às idosas sobre o que gostariam de fazer, não houve manifestação. A coordenadora insistiu:

*“ - Não adianta, elas não falam nada, não participam.”*

A fala da coordenadora revela que está acostumada a tomar as iniciativas, não solicitando a contribuição dos demais. Seu modo de agir, pode contribuir para inibir a participação das integrantes do grupo.

Uma idosa do grupo falou em particular conosco:

*- “É ela que não deixa a gente fazer nada de diferente! Uma vez eu trouxe uma poesia que um senhor fez para mim sobre a história da minha vida, enquanto eu conversava com ele. Cheguei no grupo e disse pra Dona Nézia<sup>1</sup> que eu tinha uma poesia para ler, mas acabei não lendo nada porque ela disse que não precisava, era só rezar o terço<sup>2</sup>.”*

---

<sup>1</sup> Os nomes usados na descrição das falas são fictícios, para reservar a identidade dos participantes.

Segundo Bordenave ( 1985, p. 41 ) “a participação não pode ser igualitária e democrática quando a estrutura de poder concentra as decisões numa elite minoritária”. Essa é uma característica do grupo, onde a elite minoritária reside na figura exclusiva da coordenadora.

### Reunião do dia 21 de agosto - 56 participantes

Neste dia a coordenadora “combinou” que o grupo iria se encontrar na frente da Igreja para irmos no Hotel Estrela-do-Mar, para comemorarmos o aniversário do grupo - 21 anos.

Neste dia também foi realizado um bingo, no qual os brindes eram doados pelas próprias participantes. Dona Nézia pediu à estagiária:

- “ *Daniella, vem cantar o bingo!* ”

Sugerimos:

- “ *Porque a senhora não pergunta às idosas quem gostaria de cantar o bingo?* ”

---

<sup>2</sup> Oração cristã-católica.

Dona Nézia, pelo contrário, indicou quem fizesse:

- *“Marina, vem aqui!”*

A coordenadora não motivando uma participação mais significativa, tende a não provocar a transformação do grupo, pois quando *“se promove a participação deve-se aceitar o fato de que ela transformará as pessoas, antes passivas e conformistas, em pessoas ativas e críticas.”* (Bordenave, 1985, p. 77)

No momento do café colonial a estagiária estávamos servindo algumas pessoas do grupo, quando Dona Nézia, que postava-se na ponta da mesa de refeição, chamou-nos a atenção:

- *“Quem já se serviu não pode repetir ainda, ouviu Daniella?”*

Respondemos-lhe que não estávamos repetindo, mas sim servindo as idosas. Em seguida, fomos sentar-nos com algumas participantes. Estas, para que não ficássemos muito chateadas, consolaram-nos:

- *“ Não liga, boba! A Dona Nézia é assim mesmo. Ela trata a gente igual a criança. Já cansou de fazer isso com a gente, dizendo que não era pra encher o prato demais, não misturar doce com salgado.”*



Podemos dizer, que a postura autoritária da coordenadora, já internalizada pelas participantes do grupo, faz com que sintam-se conformadas assumindo uma postura de submissão. Questionamos esta atitude, por considerarmos que é justamente a participação que leva as pessoas a constituírem-se como sujeitos.

Cabe citarmos Paulo Freire ( 1996, p. 47 ), para o qual *“a aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático, ou com o elitismo autoritário dos que pensam ser os donos da verdade”*.

#### Reunião do dia 11 de setembro - 47 participantes

A coordenadora iria viajar em outubro, então, perguntamos-lhe como ficaria o grupo. Ela respondeu:

- *“Não sei, acho que vai parar, né? A gente volta no dia 02 de novembro quando eu chegar”*

Colocamos para o grupo:

- *“Gente, a Dona Nézia vai viajar e gostaria de saber se vocês querem que o grupo continue ou pare nesse mês?”*

Elas começaram a comentar entre si que gostariam que o grupo continuasse:

- *“Ah! É muita responsabilidade.”*
- *“Eu não quero me incomodar.”*
- *“Enquanto a Dona Nézia não voltar, eu não vou vim. Pra quê? Isso aqui vai virar uma bagunça!”*

Dona Nézia disse:

- *“Se ninguém quer ficar responsável o grupo vai parar. Tem que fazer uma porção de coisas, guardar a chave, devolver para secretaria do salão paroquial, tem que fazer o café, tem que comprar o pão. Vocês vão ver o que é bom! E vocês podem se preparar porque, quando eu voltar são vocês que vão assumir.”*

As senhoras Neide e Marlene dispuseram-se:

- *“Nós assumiremos, mas desde que todo mundo colabore.”*

No primeiro momento, a coordenadora, nem estava cogitando a idéia de que o grupo “poderia” continuar. Na fala seguinte, demonstra que sua presença no grupo é fundamental, não considerando possível sua substituição, procurando fazer das coisas mais simples como entregar as chaves no salão paroquial ou comprar o pão um obstáculo intransponível. Como ninguém se manifestava, ela reforça sua intenção de que não gostaria de que o grupo continuasse.

Para Demo (1993, p. 72 )

*“Democracia dá muito trabalho. Onde todo mundo quer opinar, comparecer junto, o que mais acontece é uma dificuldade enorme de gerir a balbúrdia. Em certos casos, pode até surgir a insinuação de que em termos autoritários as coisas andavam melhor”*

As falas das participantes do grupo demonstram duas posturas diferentes dentro do grupo. A primeira seria daquela participante que, conformada com o autoritarismo de Dona Nézia, não frequentaria o grupo até que ela voltasse. A segunda seria daquelas pessoas que assumiriam o desafio de constituírem-se sujeitos de sua própria história.

De acordo com Paulo Freire ( 1996, p. 65 ),

*“não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos.”*

#### Reunião do dia 02 de outubro - 39 participantes

O encontro desse dia, seria o último antes da coordenadora viajar. Quando as idosas que assumiriam o grupo consultaram-na para poderem iniciar o bingo da tarde, ela respondeu:

- *“Pode fazer o que vocês quiserem, eu não mando mais nada aqui.”*

Após ter dito isto, a coordenadora saiu dando tchau, não dando chance para que o grupo se despedisse.

A coordenadora assume pela fala relatada a sua condição de mando que exerce no grupo, não aceitando opiniões, não partilhando sua autoridade. Demonstrou pela atitude que não estava aceitando o fato do grupo continuar, talvez isto ameaçasse sua autoridade, enquanto “dona do grupo”.

Quando D. Nézia estava presente, ela coordenava o terço:

- *“Esse lado aqui, reza a Ave-Maria.”*
- *“Marina, diz o primeiro mistério.”*
- *“Maria, o segundo.”*

Nas horas do café, quem arrumava a mesa era a coordenadora, na sua ausência, as idosas revelaram:

- *“Nós parecemos umas madames, aqui sentadas.”*

Levamos um cartaz, para combinarmos quem ficaria responsável pela oração e pelo café. Também combinamos o dia do bingo e quem seria responsável por esta atividade. D. Alice ficou encarregada pela oração, D. Alda pelo bingo e D. Raquel, D. Lúcia e D. Elis pelo café.

Na ausência da coordenadora, nos momentos de rezar o terço, D. Alice perguntava:

-*“Quem gostaria de dizer o primeiro mistério?”*

O fenômeno da participação foi observado em pequenos gestos da vida cotidiana do grupo, propiciando aos idosos um desenvolvimento pessoal, assumindo-se como sujeitos engajados na sua transformação. Na hora de rezarem o terço, por exemplo. Quando a coordenadora estava presente, era ela que indicava as pessoas que enunciariam os mistérios, na sua ausência a participação era espontânea, motivada por D. Alice (responsável por esta atividade).

O planejamento das atividades (bingo, ginástica, terço, entre outras), feito com a participação de todos, facilitou na organização do grupo durante a ausência da coordenadora. Pudemos comprovar que *“a participação não é conteúdo que se possa transmitir, mas uma mentalidade e um comportamento com ela coerente. A participação “é uma vivência coletiva e não individual, de modo que somente pode aprender na práxis grupal. Parece que só se aprende a participar, participando.”* (Bordenave, 1985, p. 74 )

Na última quinta-feira antes da coordenadora voltar, Dona Júlia veio nos dizer:

*- “Daniella, tava tão bom e acabou o nosso sossego, vai começar a gritaria tudo de novo.”*

Esta fala nos demonstra que o grupo melhorou, na ausência de Dona Nézia, demonstra também que a participante não estava contente com a maneira da coordenadora conduzir o grupo, porém, nunca havia se manifestado anteriormente. Somente a partir de uma vivência distinta os idosos conseguiram fazer uma avaliação da experiência anterior.

#### Reunião do dia 06 de novembro - 45 participantes

A reunião desse dia marcava a volta da coordenadora. As idosas resolveram dar um presente de boas-vindas para Dona Nézia, ficando, encarregada de entregar em nome do grupo, Dona Neide:

*- “Conhece o grupo amizade? É ele que está lhe oferecendo. Porque teve gente que disse que não viria enquanto Dona Nézia não viesse, porque o grupo iria virar uma bagunça, e funcionou direitinho. É o grupo Amizade com ou sem a Dona Nézia.”*

A descrição desta fala demonstra que no momento da ausência da coordenadora o grupo caminhou independentemente da presença da coordenadora. Vale ressaltar que foi uma conclusão tirada pela própria participante. As pessoas

conseguem avaliar suas possibilidades a partir da oportunidade de atuação. Conforme Mounier (1960, p. 151) é na “espessura da ação que se trama a existência.”

Diante das dificuldades existentes nas relações coordenadora/idosos é que a ASA busca refletir as problemáticas que perpassam as reuniões semanais dos grupos. Neste sentido, a ASA desenvolve cursos de formação para os voluntários e coordenadores que atuam com idosos, para que os grupos se constituam em espaços de reflexão, de constituição da cidadania, de redescoberta do valor da pessoa idosa.

É sobre os cursos de formação, que tem como objetivo melhorar o atendimento prestado pelos voluntários que trataremos no próximo item.

## **2.2 - Os Cursos de Formação de Dinamizadores de Grupos de Idosos**

A ASA reconhece o voluntário<sup>3</sup> “como elemento propulsor de suas atividades no tocante à terceira idade” ( Nilsson, 1995, p. 38 ).

Podemos considerar o voluntariado como

*“uma resposta do homem às necessidades da comunidade, desejáveis de serem solucionadas; a participação consciente, espontânea e responsável de indivíduos em entidades ou programas sociais...O voluntário é portanto, a pessoa que dá seu tempo,\* seu*

---

<sup>3</sup> Mais informações sobre a ação voluntária nos grupos de idosos vide NILSSON, Vera Inez G. **Ação Voluntária: “ser com o outro”**. Florianópolis, 1995. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina.

*esforço, sua capacidade para a melhoria da vida dos indivíduos dentro de sua comunidade, procurando pôr a serviço do bem comum suas habilidades e conhecimentos.” ( Cáritas Brasileira, 1971, p 2 )*

Não basta, porém, ter apenas força de vontade, é preciso que os voluntários conheçam o processo de envelhecimento, tendo consciência de que não estão lidando com crianças, mas com pessoas que vão para o grupo em busca de valorização e para romper com o isolamento social, vividos muitas vezes dentro das suas próprias famílias.

Os cursos de formação possuem como objetivo capacitar os dinamizadores de grupos para o atendimento qualificado à pessoa idosa e para uma melhor compreensão do processo de envelhecimento e valorização desta etapa da vida.

A realização dos cursos se dá por comarcas por se constituírem de paróquias próximas geograficamente uma das outras. No nosso estágio, acompanhamos os cursos de formação de dinamizadores de grupos de idosos das comarcas da Ilha e do Estreito, como também das comarcas de São José e Santo Amaro da Imperatriz.

Os cursos são realizados com o apoio de diversos profissionais, médicos geriatras, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, professores de educação física, massagistas e também contamos com o apoio de padres que se responsabilizam pela reflexão sobre a espiritualidade da pessoa idosa.



Na realização desses cursos, a ASA procura seguir um dos princípios da Política Nacional do Idoso, onde diz que o “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos.”

Os temas discutidos nos cursos são fundamentados nas necessidades sentidas pelos voluntários no atendimento ao grupo de idosos, como também pela supervisão direta aos grupos realizada pela assistente social.

Durante nosso período na instituição foram promovidos cursos sobre psicologia e sociologia do envelhecimento, auto estima e auto imagem do idoso, envelhecimento saudável e qualidade de vida, atividades recreativas para grupos de idosos, o idoso e as relações familiares, atendimento da assistência social ao idoso, as interfaces das políticas para a terceira.

Nossa análise, porém, enfocará os cursos de formação que tematizam a dinâmica dos grupos, já que presenciamos na supervisão direta aos mesmos, atitudes paternalistas, autoritárias, que contribuem para a passividade e conformismo dos idosos.

Os cursos geralmente iniciam com dinâmicas de integração, onde as voluntárias avaliam as experiências com o objetivo de repassar para o grupo o que é

vivenciado. As palestras são construídas a partir dos depoimentos das voluntárias e situações do dia-a-dia do grupo, como veremos nos relatos<sup>4</sup> a seguir.

Curso de Dirigentes e Dinamizadores de Grupos de Idosos das Comarcas da Ilha e do Estreito - 23 de junho de 1997

Após uma dinâmica de integração, a assistente social da ASA coloca para o grupo, que o objetivo do encontro é repassar para os idosos os conteúdos desta tarde.

A palestra, ministrada pela assistente social Vera Inez, foi iniciada com a revisão dos conteúdos do módulo anterior, cujo tema discutido foi o conceito de grupo, tipos de grupos, critérios para participar de um grupo, número de participantes e estatuto.

Uma coordenadora questiona o número de participantes no grupo, já que no encontro anterior chegaram a opinião de que quarenta pessoas era o ideal:

*- “Mas nem sempre eles querem, temos 95 idosos ativos e não querem formar outro grupo.”*

---

<sup>4</sup> Os relatos descritos no presente trabalho, não foram transcritos na íntegra, a fim de que pudéssemos privilegiar as falas mais significativas das participantes.

A palestrante sugeriu que as participantes se dividissem em dois grupos, para que respondessem as seguintes questões:

1- Quais as qualidades para ser um dinamizador?

2- O que é desagradável nas atitudes de um dinamizador?

Através de cartazes, as participantes expuseram as discussões dos pequenos grupos, nos quais a assistente social ia colocando sua visão, elaborando em forma de varal:

1 - Liderança - Ninguém nasce líder e sabendo tudo, as pessoas aprendem e conquistam isso aos poucos. O coordenador líder sabe ouvir, dividir as tarefas, faz dez pessoas trabalhar e não trabalha por dez.

2 - Ser fiel e Honestidade - Quando trabalhamos com ser humano não se deve brincar. O dinheiro é algo com que todos os grupos mexem, deve-se demonstrar o que entra e o que se gasta.

3 - Carisma e Auto-estima - É aquela pessoa que consegue acolher as pessoas, ser alegre e gostar de estar com o grupo. Algumas voluntárias manifestaram-se:

- *“Eu penso que as pessoas tem que se gostar primeiro, senão aquilo que elas fazem não vai para a frente. Para mim isso é a chave, a pessoa deve se conhecer primeiro.”*

- *“Não ser prepotente por se achar muito importante.”*

- *“Eu tenho que me amar, se preciso até minhas fraquezas, só assim posso amar o meu próximo. Dessa forma, crescemos no amor, na união. Devo me aceitar.*

À palestrante completou:

- *“Entendo também que nós somos seres muito sábios e temos a capacidade de crescer, somos inteligentes e não devemos nos entregar nos momentos de baixa auto-estima, porque isso é um combustível para o grupo.”*

4 - Descentralizadora de poder - Não achar que o grupo é meu, que o idoso é meu. Ninguém é de ninguém. Há grupos que a coordenadora faz e acontece, manda e desmanda. Assim, não há como proporcionar que o idoso cresça, aprenda e ensine.

5 - Compreensão - Saber escutar e saber qual o momento de falar.

A coordenadora de um grupo colocou:

- *“Geralmente, temos a capacidade de mandar e não de coordenar, eles fazem questão de serem dominados. Os idosos não querem participar, a gente quer votar, diz para eles decidirem e eles falam “não, o que a senhora fizer está ótimo”, mas assim eles vão ficar sem uma efetiva participação no grupo.”*

A vice-coordenadora, do mesmo grupo, acrescentou:

- *“Muitos de nós gostamos de ganhar as coisas prontas, achamos que dar tudo pronto é amor, mas a gente tem que estar se policiando, todo mundo tem energia para gerar muitas coisas.”*

A palestrante completou:

- *“Temos que entender que muitas idosas que vão para o grupo e sempre foram submissas ao pai, marido, outras são viúvas e sofrem por isso e saber coordenar passa por essas pequenas coisas.”*

Uma coordenadora de outro grupo desabafou:

- *“Eu sou a coordenadora do grupo, mas é a vice que decide tudo, fica todo mundo perdido. Se aparece um convite, ela confirma sem consultar o grupo. As idosas ontem fizeram uma apresentação e não foi como elas queriam. Mas, para ela, foi perfeito, lindo. Se alguém dá uma idéia, ela vai podando. A gente tem vergonha de dizer para ela, que logo fica bicuda.”*

A palestrante respondeu:

- *“Para trabalhar em grupo tem que ter maturidade e sinceridade, falar com a pessoa na base do diálogo.”*

O encontro prosseguiu referindo-se às atitudes que uma coordenadora democrática deveria ter, sobre a clareza com a qual deveriam conduzir o grupo, e pelo adiantado da hora, encerrou-se com uma avaliação das participantes.

- *“Foi pouco tempo.”*
- *“A gente tem que se organizar para os encontros aqui, aproveitar o tempo para não ter que repetir tudo de novo.”*
- *“Acho que a gente pode refletir quantas pessoas tem aqui e quantos grupos existem, são quantas voluntárias, já conversamos tanto em duas reuniões e deve ter uma continuação.”*

As falas, das voluntárias e coordenadoras, relatadas demonstram as dificuldades enfrentadas ao lidarem com os grupos de idosos.

Na primeira fala, podemos identificar que o grupo não quer se desmembrar, conforme o sugerido pelo encontro anterior. Os grupos muito grandes, *“tendem a dirigir suas comunicações a pessoas semelhantes a eles mesmos. Isto explica em parte a tendência para a formação de grupinhos e frações.”* ( Bordenave, 1985, p. 50 ) É a partir de reflexões como esta, que não se recomenda que os grupos tenham mais de quarenta pessoas.

A coordenadora de um dos grupos, admite que é mais freqüente mandar que coordenar. Ela apresenta os idosos do grupo como pessoas alienadas, *“que gostam de ser dominadas”*. No entanto, não está levando em conta a história de vida destes idosos, vindos de outro contexto, onde tudo era imposto, nada era decidido conjuntamente.

Ficou claro, porém, pelo retorno reflexivo provocado pela palestrante, que para serem coordenadoras, precisamos estar atentas ao contexto social, histórico,

político e cultural que os idosos estão inseridos. Compreender que participar é um processo que não se aprende de um dia para o outro.

A vice-coordenadora do mesmo grupo, tem a percepção de que fazer as coisas pelos idosos não significa “amor”, mas impedi-los de crescer. Como Paulo Freire nos diz *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”* ( 1996, p. 52 )

A vice-coordenadora ainda ressalta a importância de “estar se policiando.” De acordo com o referido autor *“é difícil, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evita os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras.”* ( Freire, 1996, p. 54 )

A fala seguinte, na qual a coordenadora expõe que não consegue se entender com a vice, percebemos a necessidade de um diálogo franco e aberto com todos os integrantes do grupo. Segundo Bordenave ( 1985, p. 51 )

*“o diálogo tem seus requisitos, compreende não só o melhoramento da capacidade de falar e escutar mas também o domínio das técnicas da dinâmica de grupos( discussão, dramatização, liderança de reuniões, etc) e o uso efetivo dos meios de comunicação grupal.”*

A avaliação feita pelas participantes demonstra a consciência da necessidade de estarem trocando idéias sobre suas atuações nos grupos. Uma das participantes

demonstra preocupação com os grupos, cujas coordenadoras e voluntárias não participam dos encontros.

O encontro que relataremos a seguir, realizou-se em três momentos, com palestras sobre diretrizes gerais para o funcionamento de um grupo de idosos, leis de defesa da cidadania da população idosa e envelhecimento com saúde. Privilegiaremos, no entanto, a primeira palestra referente ao tema até aqui referenciado.

Curso de Formação de Dinamizadores e Dirigentes de Grupos de Idosos  
das Comarcas de São José e Santo Amaro - 09 de abril de 1997

A assistente social da ASA inicia o encontro, colocando seu objetivo e os temas a serem discutidos. A assistente Social Vera Inez dá início a sua temática, sugerindo aos participantes que se reúnam em pequenos grupos e respondam a seguinte pergunta: “Na sua opinião o que o idoso vem fazer no grupo?”

Depois de quinze minutos, a palestrante pede que um representante de cada grupo exponha a resposta.

Cabe destacar algumas falas:



*- “lazer, dançar elas adoram, mas na quaresma eles jogam. Somos em duas psicólogas, mas no grupo tem tanta alegria, quanto tristeza. Damos muitos conselhos, muito amor e diversão. Muitos são rejeitados pelas famílias, damos toda atenção. Fazemos o baile de debutantes em agosto, já passou até no Gugu, é lindo! A festa é pra elas uma oportunidade que nunca tiveram, um momento de alegria. A oração é a hora mais linda, onde a gente agradece a Deus, tem o lanche, dançam até às seis horas. Os trabalhos já trazem prontos de casa, já tiveram tanto trabalho na vida... Já deu doze casamentos no grupo!*

A palestrante retoma a palavra reforçando que a pergunta é o que os idosos vem fazer no grupo:

*- “Buscam mais amizades, diálogo, lazer, convivência dentro de sua faixa etária, distrair-se, não ficam pensando em doenças, não tem maus pensamentos.”*  
*- “No grupo eu mando neles por conta própria, o que eu digo para eles, eles ficam alegres. Tem bola, brinquedo, os trabalhos elas fazem em casa, tem que deixar à vontade, trocar idéias. Se tem uma pessoa mais velha num cantinho, eu dou um cafezinho antes porque tá fraquinha. Arrumo carro para levar em casa, porque às vezes elas vêm se arrastando. Quando é alguma data especial, damos um presentinho, gostam muito de passear, arrumo um ônibus, elas adoram!”*

A palestrante construiu um quadro a partir das falas das representantes dos grupos, destacando os sentidos que foram mais expressos como valorização, atenção, lazer, fazer amigos, carinho que não tem em casa.

Pelas falas relatadas podemos perceber como muitas coordenadoras mantêm uma relação, por vezes, paternalista e, por outras, autoritária com os participantes do

grupo. Consideram que participar de um grupo significa receber tudo pronto. Elas, porém, têm a certeza de que estão fazendo o melhor para os idosos. Tratam os idosos como pessoas limitadas e marginalizadas pela sociedade. Definem o grupo como um espaço onde os idosos são tratados como seres muito importantes.

Para desenvolver a reflexão sobre o que foi tematizado, a palestrante pergunta às participantes “o que é grupo”. Algumas respondem:

- *“Reunião de amigos, encontro de pessoas.”*

Vera Inez faz uma reflexão sobre o que é a terceira idade, sobre o respeito que se deve dar às pessoas idosas. O encontro encerra com uma síntese do quadro que ajudaram a construir.

No próximo item analisaremos o que foi compreendido até aqui.

### **2.3 - Análise Compreensiva**

Podemos perceber nos relatos dos encontros que o tratamento mantido pelas voluntárias não contribui para o crescimento pessoal dos idosos.

As categorias que nos propusemos a analisar aparecem na prática como negação, durante todo o período de estágio vivenciado. Os cursos de formação

fundamentam-se numa relação de autonomia com as participantes, porém, não são o suficiente para transformar as atitudes identificadas como autoritárias e paternalistas das voluntárias e coordenadoras.

Enfatizamos Demo ( 1993, p. 144 ) quando diz que:

*“Chama-se trabalho pedagógico ou educativo aquele que tem como propósito não domesticar, mas motivar o desenvolvimento das potencialidades do educando, ou, mais propriamente, aquele que não visa formar discípulos, mas mestres.”*

Considerando o trabalho da ASA, conforme citação acima, a postura do Serviço Social deve ser de centralização nas questões vivenciais( pessoais e sociais), onde sejam trabalhados os temas referentes a constituição do próprio indivíduo - voluntária, como sujeito que constrói sua história, consciente de seu inacabamento, contribui para a construção do outro, que é o idoso, que participa do grupo. Este aprendizado enquanto estiver se dando apenas no nível intelectual, não provocará mudanças nas atitudes paternalistas e autoritárias das coordenadoras e voluntárias.

Assim, é que sugerimos a utilização do teatro, como alternativa para desenvolver os cursos de formação, propiciando que as voluntárias vivenciem e reflitam suas posturas dentro do grupo. Esta proposição fundamenta-se numa vivência que realizamos num encontro de representantes de grupos de idosos das Ações Sociais Paroquiais do município de Florianópolis, onde discutimos as ações

que vem sendo realizadas na área do idoso. Nesta oportunidade, apresentamos um teatro, construído a partir das falas registradas nos cursos de formação e no projeto de supervisão aos grupos de idosos da Arquidiocese.

O teatro “Ser idoso e Ser Velho”, em anexo, foi apresentado para setenta e quatro pessoas, entre idosas e voluntárias, no auditório da catedral, no dia 24 de julho de 1998. A partir dos diálogos criados, as pessoas presentes puderam perceber-se enquanto pessoas e avaliar suas atitudes.

Para Venâncio ( 1985, p. 8 )

*“a arte de representar fatalmente não é capaz de provocar modificações sócio políticas marcantes, mas estabelecer diálogos provocadores de reflexão. Pode não implicar na transformação da sociedade, mas age diretamente sobre aqueles que são atores da vida social - os homens. Na medida que o homem procura representar ele mesmo ou outra pessoa, esta atitude o faz pensar no papel histórico que ele ou o outro representa. É este pensar, esta descoberta, que poderá provocar nele a ânsia de participar, de transformar o outro e o mundo, transformando-se.”*

Acreditamos ser neste espaço, que as pessoas com quem trabalhamos possam colocar-se como sujeitos, transformando suas atitudes a partir de uma experiência vivida e refletida através da dramatização.

Sugerimos, assim, o uso da dramatização como recurso a ser utilizado pelo Serviço Social para provocar a reflexão, a consciência crítica e a transformação da ação.

A participação deve ser provocada pelo assistente social, a fim de que possa gerar autonomia. Considerando que os sujeitos de nossa intervenção são as participantes dos grupos e as voluntárias, devemos levar em conta que a transformação das atitudes compreendidas como paternalistas, autoritárias e passivas, é um processo, uma conquista que caberá aos nossos próprios usuários.

Diante de um contexto social, onde impera a ideologia neoliberal, na qual se valoriza o indivíduo, a competição e não a solidariedade, o exercício do Serviço Social deve estar pautado no resgate das relações sociais.

Colaborando, assim, para que as pessoas assumam-se como sujeitos, construindo, na relação com os outros, a intersubjetividade, uma comunidade de afetos, de compreensão e de ação.

Acreditamos que nestes espaços dos grupos de convivência, podemos contribuir para que os idosos e voluntários, resgatem o sentido de seu ser e existir, através de uma vivência de participação autêntica, de respeito a si e ao outro e de cidadania.

Vimos nesta prática uma das vias de superação da contradição que aludimos anteriormente, ou seja, do paradoxo entre o projeto da Igreja, da ASA e do próprio Serviço Social de superar as situações de exclusão. Provocando, assim, a possibilidade de inclusão, fundando-se em uma vivência baseada no respeito mútuo, na justiça, na liberdade, participação e autonomia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao realizarmos este trabalho, o qual reflete nossa prática enquanto estagiárias de Serviço Social na instituição ASA, podemos traçar algumas reflexões:

- A realização dos cursos de formação para dirigentes e dinamizadores e grupos de idosos e a supervisão direta aos grupos devem continuar sendo trabalhados, na tentativa de contribuir para maior qualidade no atendimento prestado aos idosos.
- A presença de estagiários é uma forma de ampliar o universo de atuação da instituição. Além de alunos do curso de serviço social, sugerimos alunos de outras áreas, para que se promova uma ação interdisciplinar, na tentativa de uma compreensão mais profunda da realidade multifacetária vivida pelo idoso.
- Considerando o uso da dramatização como recurso pedagógico, sugerimos sua utilização, a fim de que os conteúdos dos cursos de formação possam ser vivenciados pelas participantes, refletindo e questionando suas posturas em relação aos grupos de idosos.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. In : Caderno de Comunicações. 8º CBAS. *Desafios teóricos políticos do serviço social frente ao neoliberalismo*. Salvador, jul. 1995.

AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA. *Plano de Trabalho*. Florianópolis, 1968.

\_\_\_\_\_. *Relatório Anual de Atividades*. Florianópolis, 1989.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades*. Florianópolis, 1990.

\_\_\_\_\_. *Programa Social e de Desenvolvimento da Arquidiocese*. Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. *Relatório das Atividades Gratuitas*. Florianópolis, 1997.

ALMEIDA, Anna Augusta de. *Possibilidades e limites da teoria do serviço social*. 2. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1980.

BORDENAVE, Juan Diaz. *O que é participação*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CÁRITAS BRASILEIRA. *O Trabalho com o Voluntário* : Departamento Técnico Educacional. São Paulo, 1971.

CURSO DE DINAMIZADORES DA AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA, Relatório. 2 v 3. Florianópolis, 1997.

\_\_\_\_\_, Relatório. Módulo 1. Florianópolis, 1997.

DEMO, Pedro. *Ciências Sociais e Qualidade*. São Paulo: Almed, 1985.

\_\_\_\_\_. *Participação é conquista*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRAIMAN, Ana Perwin. *Coisas da idade*. São Paulo : Hermes, 1988.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia : saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Vera Nícia de A. de M. *Concepções sobre a Velhice: uma visão das coordenadoras voluntárias de grupos de assessorados pela Ação Social Arquidiocesana, no município de Florianópolis. Curso de especialização em gerontologia. NETI - Núcleo de Estudos da Terceira Idade, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.*

LEI Nº 8.842, de 04 DE JANEIRO DE 1994. Política Nacional do Idoso. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília. N 128, 04 de julho de 1996. Seção 1.

MINISTÉRIO DO BEM ESTAR SOCIAL - LBA. *Assistência à pessoa idosa - Grupos de Convivência*. Módulo II, 1994.

MORIN, Edgar, KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre : Sulina, 1995.



MOUNIER, Emmanuel. Personalismo. Lisboa. 1960.

NILSSON, Vera Inêz G. *Ação voluntária* : “ser com o outro”. Florianópolis, 1995. Trabalho de conclusão de curso em serviço social. Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Juarez. ( Org. ) *Constituição da República Federativa do Brasil* : promulgada em 05 de outubro de 1988. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL, 1., Brasília. Anais...Brasília: Ministério da Previdência Social ( SAS ), 1996.

SETOR PASTORAL SOCIAL - CNBB. Brasil: alternativas e protagonistas. II Semana Social Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1994.

SALGADO, Marcelo Antônio. *Velhice, uma nova questão Social*. São Paulo: SESC-CETI, 1982.

SOUZA, Edna E. C. M. de. In : Caderno de Comunicações. 8º CBAS. *Desafios teóricos políticos do serviço social frente ao neoliberalismo*. Salvador, jul. 1995.

SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. 2. ed. Petrópolis : vozes, 1997.

VENÂNCIO, Beatriz Pinto. *Uma experiência em cena* : serviço social e teatro numa perspectiva dialógica. PUC/R.J,1985. Dissertação de Mestrado.

## **ANEXO**

## **DADOS DA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**Nome do aluno:** Daniella Marcos Ferreira

**Matrícula:** 9421615-0

**Ano do desenvolvimento do Estágio I:** 1996      **Semestre:** 96-2

**Nome do local de estágio:** Ação Social Arquidiocesana

**Nome da supervisora da instituição:** Vera Nícia Araújo de Miranda Gomes

**Nome da supervisora da UFSC:** Maria da Graça Santos Dias

**Nº de horas desenvolvidas:** 216

**Ano do desenvolvimento do Estágio II:** 1997      **Semestre:** 97-1

**Nome do local de estágio:** Ação Social Arquidiocesana

**Nome da supervisora da instituição:** Vera Nícia Araújo de Miranda Gomes

**Nome da supervisora da UFSC:** Maria da Graça Santos Dias

**Nº de horas desenvolvidas:** 216

**Ano do desenvolvimento do Estágio III:** 1997      **Semestre:** 97-2

**Nome do local de estágio:** Ação Social Arquidiocesana

**Nome da supervisora da instituição:** Vera Nícia Araújo de Miranda Gomes

**Nome da supervisora da UFSC:** Maria da Graça Santos Dias

**Nº de horas desenvolvidas:** 216

---

Coordenadora de Estágio/DSS/CSE/UFSC

O teatro apresentado no Encontro de Representantes de Grupos de Idosos das Ações Sociais Paroquiais do Município de Florianópolis, dia 24 de julho de 1998, no auditório da catedral, foi elaborado junto com as alunas bolsistas da ASA, Rita e Elizabeth, estudantes de Serviço Social da Unisul. Utilizamos além das falas registradas durante a supervisão aos grupos de idosos, a poesia “Ser Idoso e Ser Velho” de Jorge José de Jesus Ricardo, presente no livro Poesias, Contos e Crônicas do I Concurso literário para a terceira idade, 1996.

### “SER IDOSO E SER VELHO”

**Narrador:** Uma senhora sentada na varanda de sua casa, fazendo tricô, observa as pessoas que passam na rua.

Passa uma idosa caminhando feliz e cumprimentando a todos que encontra pelo caminho.

- *“Tem velha que não se enxerga, não se coloca no seu lugar, pensa que ainda é moça. Onde já se viu!”*

**Narrador:** IDOSA é a pessoa que tem muita idade; Velha é a pessoa que perdeu a jovialidade. A idade causa degenerescência das células, a velhice causa a degenerescência do espírito. Por isso, nem todo o idoso é velho e há velho que ainda nem chegou a ser idoso.

Dona Almerinda vai visitar Dona Felicidade. A porta estava entre aberta e Dona Almerinda entra sem fazer barulho, encontrando Dona Felicidade dançando e varrendo a casa. D. Almerinda diz:

- *“Tá caduca Felicidade? Ficou louca, doida varrida?”*

D. Felicidade responde:

- *“Que nada Almerinda, tô curtindo o que me resta da vida. Nunca tive tão lúcida. Nunca ouviu falar na dança da vassoura? Minha bisneta que me ensinou!*

**Narrador:** O IDOSO curte o que lhe resta da vida, o Velho sofre o que lhe aproxima da morte. O IDOSO se moderniza, dialoga com a juventude, procura compreender os novos tempos. O VELHO se emperra no seu tempo.

D. Almerinda:

- *“No meu tempo não tinha essas pouca vergonha dessas dança. Eu soube que teve um baile da terceira idade que as velha tavam tudo lá dançando na boca da garrafa. Coisa ridícula.*

**Narrador:** Você é idoso quando pergunta se vale a pena; você é velho quando sem pensar responde que não.

D. Felicidade:

- *“Já parasse pra pensar o que tu queres da vida, qual é o teu sonho, o que tu ainda desejas?*

D. Almerinda:

- *“O que pensar o quê, tás tola! Tô aqui velha, pelancuda, despencada, que sonho que eu posso ter, heim, me diz? Só me resta é esperar o homem lá de cima me chamar. Não sei se vou acordar amanhã, hã, que sonho o quê!*

D. Felicidade:

- *“ Mas como tu és boba Almerinda, tolinha, tolinha. Tu acha que porque a gente fica velha não pode mais sonhar? Eu tenho a mesma idade que tu e ainda quero realizar muita coisa ainda. Quero aprender a ler e depois aprender a mexer nos computador e até fazer amigos na tal de internet! E tu vai ver só como eu vou conseguir.*

**Narrador:** Você é IDOSO quando está pronto para correr riscos, você é VELHO quando procura correr dos riscos.

D. Almerinda:

- *“Ah! Mas tu nunca ouviu falar que burro velho não aprende língua? Eu não sei nem como se entra numa sala de aula, nunca peguei num lápis. Eu só soube casá e ter meus quinze filhos. Sempre trabalhei na roça e pra fazê filho a gente não precisa aprendê.*

D. Felicidade:

- *“Mas tu não acha que vale a pena a gente não sujar mais o dedo no banco quando vai receber o pagamento? E tu quando quiser sair de casa e não pode porque o teu marido foi lá na praça XV jogar dominó, tu não acha bom poder sair e deixar um recado pra ele?*

D. Almerinda:

- *“Ah, mas eu já tô muito velha, não tenho mais tempo. Sei que vou durar pouco!*

**Narrador:** Você é IDOSO quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida; você é VELHO quando todos os dias parecem o último da longa jornada. E as duas amigas, tão diferentes uma da outra, passaram a tarde conversando e tomando um cafezinho. D. Felicidade olha no relógio e diz para sua amiga:

- *“Almerinda, hoje tem aula de alfabetização, tu não quer ir comigo?*

D. Almerinda responde:

- *“Sabe boba, que eu acho que eu vou? Tu me falasse tanta coisa legal, que eu nunca tinha parado pra pensar, coisas que eu já havia esquecido e eu acho que vou me esforçar um pouquinho. Vamos acabar logo nosso café!*

**Narrador:** O IDOSO leva uma vida ativa, plena de projetos e prenhe de esperanças. Para ele, o tempo passa rápido, mas a velhice nunca chega. O

VELHO cochila no vazio de sua vidinha e suas horas se arrastam sem sentido. As rugas do IDOSO são bonitas porque foram marcadas pelo sorriso; as rugas do VELHO são feias porque foram vincadas pela amargura.

Resumindo, Dona Felicidade e Dona Almerinda, duas pessoas que até podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idades bem diferentes no coração.

Nós sabemos que hoje, aqui, muitas e muitos de vocês se sentiram como D. Almerinda e também como D. Felicidade. Mas esperamos que vocês se esforcem para serem muito mais D. Felicidade que D. Almerinda.